

Pedaço(s) do Mundo: A Escadaria Selarón, tecnologias emergentes, patrimônio cultural e turismo Entrevista com Andre Andion Angulo

Piece(s) of the World: The Selarón Staircase, emerging technologies, cultural heritage, and tourism - Interview with Andre Andion Angulo

Pedazo(s) del Mundo: La Escalera de Selarón, tecnologías emergentes, patrimonio cultural y turismo - Entrevista con Andre Andion Agunlo

Ana Cunha 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

anaclaudia.cunha@pep.ufrj.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.24n3.2024.2232>

O patrimônio cultural, imerso em um mundo cada vez mais digital, encontra nas tecnologias emergentes um novo aliado para sua preservação e difusão. A interseção entre turismo e tecnologias emergentes, como exemplos Realidade Aumentada (RA), metaverso e blockchain, abre um leque de possibilidades para a experiência do visitante e a gestão de bens culturais. Ferramentas como aplicativos de RA em mapas turísticos e museus, a criação de metaversos para espaços como a Escadaria Selarón e a tokenização de azulejos por meio de NFTs (*non-fungible tokens* ou tokens não fungíveis, na tradução para o português) ilustram o potencial dessas tecnologias. A digitalização de inventários, a construção de narrativas interativas e a formação de comunidades online em torno da preservação do patrimônio apontam para um futuro em que a tecnologia e a cultura caminham juntas, promovendo a acessibilidade, o engajamento e a preservação.

Foi com o propósito de entender como a cultura digital, o turismo e o patrimônio cultural podem caminhar juntos que trouxemos esta entrevista com o museólogo e guia de turismo Andre Andion Angulo, sobre o projeto [Escadaria Selarón: Pedaço\(s\) do Mundo](#). O projeto visa a preservação da icônica Escadaria Selarón no Rio de Janeiro utilizando tecnologias digitais e emergentes como programas de gestão de acervos, NFTs, governança compartilhada, web3 e blockchain. Ao longo da conversa, Angulo discutiu os desafios e as oportunidades na gestão

deste importante patrimônio cultural do Rio de Janeiro, destacando a importância de propostas participativas, do engajamento de guias e da busca por modelos de financiamento.

Figura 1

Parte do monumento onde está escrito “Escadaria Selarón” e “Rio de Janeiro”.



Fonte: Reprodução / Site Projeto Selarón, 2024.
Disponível em selaronpedacosdomundo.com.br/.

A entrevista aborda a trajetória do projeto desde sua concepção, passando pelo sucesso da campanha de financiamento coletivo via BNDES, até a experimentação de novas tecnologias como a Realidade Aumentada (RA), NFTs e o metaverso para enriquecer a experiência dos visitantes e ampliar o acesso à história da Escadaria e seus azulejos. Angulo também compartilha sua visão sobre a curadoria colaborativa e a construção de um inventário participativo que utilize a tecnologia para registrar e difundir o conhecimento sobre a obra de Selarón de forma descentralizada.

Andre Andion Angulo é museólogo no Museu da República/ Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e guia de turismo. Graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1998), mestre em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal

Fluminense (2006), formado no curso de aperfeiçoamento do Programa Doutoral em Turismo da Universidade de Aveiro em Portugal (2015). Guia de Turismo desde 1996 no Rio de Janeiro. A Escadaria Selarón, localizada na Rua Manoel Carneiro, no bairro da Lapa, Rio de Janeiro, é uma obra icônica do pintor e escultor chileno [Jorge Selarón](#). Durante vinte anos, Selarón transformou os 215 degraus e paredes adjacentes em um mosaico vibrante, utilizando mais de 4.000 azulejos provenientes de 165 países.

Figura 2

Andre Andion Angulo nos jardins do Museu da República, na entrevista realizada em 11 de novembro de 2024, Catete, Rio de Janeiro.



Fonte: Ana Cunha, 2024.

Ana Cunha: Primeiro, gostaria de te agradecer por me receber. Tenho acompanhado o projeto desde 2019, no lançamento do financiamento coletivo via BNDES. Então queria te pedir para começar do início. Qual foi a inspiração do projeto? Como é que você chegou a essa proposta, sendo museólogo e guia?

Andre Andion Angulo: Ana, primeiro eu te agradeço também por participar dessa concertação para essa entrevista, que enobrece o projeto quando a gente consegue alinhar o fazer e ser problematizado pela academia, então isso para gente é muito importante. Essa pergunta é uma

das mais enfáticas porque consegue destrinchar algumas coisas que às vezes ficam assim: "Por que esse pessoal está fazendo isso?", e eu vou contar desde o início. Tenho uma micro-história: eu me tornei guia em 1996 quando era estudante de museologia. Eu sempre tive essa empatia de comunicação: "Quais são as funções básicas do museu? Conservar, investigar e comunicar". Sempre entendi o turismo, que balizou toda a minha vida acadêmica, na graduação, no mestrado de arquitetura e urbanismo na UFF, no curso de formação avançada em turismo que fiz na Universidade de Aveiro, e depois na Lusófona, em museologia, como instrumento básico de comunicação e de mediação do patrimônio cultural, nessa linha da comunicação do patrimônio. Comecei com excursão, levando classe média tijuicana para as cidades históricas de Minas, mas logo em seguida entrei no chamado receptivo internacional do Rio de Janeiro. Nessa época das excursões, 1997 até 2000, eu trabalhava no [Museu do Pontal](#). Quando comecei no turismo receptivo na cidade do Rio de forma mais sólida e regular, aí já em 2004, sempre havia entre meus passageiros atendidos gente perguntando pela "*The colorful steps*" (as escadas coloridas) ... e eu particularmente, tinha uma certa implicância com a escadaria. Selarón era vivo ainda e tinha aquele senso comum: "Ele é uma pessoa muito difícil e tal". Eu colocava no meu roteiro se me pedissem, mas a cada ano sempre me pediam a "escadaria colorida". Depois do clipe do [Snoop Dogg](#) (2006)¹ e da morte do Selarón (2013), a escadaria começou a ter uma procura exponencial. Até que um dia, teve um grupo que foi definitivo para eu botar na cabeça que eu tinha que fazer alguma coisa, foi um grupo que recebi de Mianmar. Era um grupo grande, um ônibus inteiro. Carnaval do Rio de Janeiro, desfile das escolas de samba do grupo especial, no domingo de Carnaval. Eles não falavam a minha língua, então a guia falava birmanês e inglês e na Linha Vermelha, me mostrou uma foto: "Eu preciso ir nesse lugar", era a escadaria Selarón. "Eu quero achar esse [azulejo](#)", e mostrou um azulejo. Era um azulejo de Mianmar. Assim encaixei a escadaria no roteiro. No dia da escadaria, eu particularmente consegui achar esse azulejo de Mianmar e ficou aquela ideia de ter uma base de dados com todos os azulejos onde se consiga achar por país. Mas isso ficou naquela gavetinha dos sonhos, ficou no neurônio do sonho, na verdade.

¹ Em 2006 o rapper Snoop Dogg ao lado do também cantor e compositor Pharrell Williams, compuseram a música *Beautiful* e com isso, os olhares do mundo buscavam a escadaria, mas não a do convento, buscavam a escadaria onde o clipe do rapper foi gravado. As pessoas buscavam a *Escadaria do Snoop Dogg*, mas a Escadaria não era do rapper e Selarón tratou de alterar a situação. Num final de semana arrancou alguns azulejos do segundo lance da escadaria e escreveu a famosa apresentação: *Escadaria Selarón*.

Figura 3

Azulejo de Mianmar. Azulejo policromo sobre fundo branco.



Fonte: Reprodução / [Acervo Selarón, 2021](#).

Eu nunca conheci Selarón pessoalmente, então ao mesmo tempo que isso é um problema, também me distancia do objeto, porque quando Selarón morreu em janeiro de 2013, muitos achavam que, pela escadaria ser tombada, deveria procurar o Iphan ([Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional](#)), mas nas conversas eu falava que não, pois a escadaria não é tombada na esfera federal, foi na municipal². Em 2017, um grupo de guias veio falar comigo sobre a criação de uma associação devido às várias questões, como problemas com o sindicato, a busca de dignificação da profissão, debater uma tabela de remuneração mínima, força política para conversar com os atores públicos e privados, entre outros. Assim foi criada a [LiGuia](#) (Liga Independente dos Guias de Turismo do RJ), na época um grupo de Facebook. E falei: "Eu entro, desde que eu possa tocar um projeto para a escadaria, mas que eu

² A Escadaria Selarón foi tombada de forma provisória pelo governo municipal, em 2005, por meio do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH). Em 2015, com a publicação da Lei 5.297 no *Diário Oficial do Município*, teve seu tombamento definitivo e não pode mais ser demolida ou sofrer descaracterização arquitetônica, sendo obrigatória a aprovação do órgão competente do município em eventuais necessidades de intervenção física no espaço.

tenha carta branca total. Eu não quero interferências, não quero “engenheiro de obras prontas” e o nome, eu já tenho uma dimensão, Selarón Pedaço(s) do Mundo, porque é um pedaço do mundo que contém vários pedaços do mundo inteiro!” E por isso eu sempre começo com a história de Mianmar.

A partir daí, a gente desenhou, pensou, primeiro tem que identificar o objeto em si; a relação com a prefeitura, que sempre é tensa, sobre a informação de que a escadaria estava toda catalogada, mas não apresentavam o documento. E eu soube que existia um levantamento feito logo após a morte de Selarón, uma fotogrametria, mas da escada por inteiro, degrau por degrau, mas não azulejo por azulejo, com cada elemento cerâmico identificado e contabilizado. Eu queria fazer azulejo por azulejo, porque cada azulejo tem uma história. Além da história que o azulejo representa, tem a história de como aquele azulejo chegou lá. Eu descobri histórias para contar de pessoas que interagiram com Selarón que são muito interessantes.

Assim, em 30 de janeiro de 2018, a LiGuia foi lançada (no [Rio Scenarium](#)) e em 2019 houve a abertura de um edital do BNDES, chamado [Patrimônio Cultural+](#)³. No entanto, neste edital o BNDES tinha como foco o real interesse das pessoas dando o devido valor ao patrimônio cultural, botando dinheiro e o banco complementando. Essa é a lógica do BNDES, o maior banco de fomento do mundo. O edital era um *matchfunding*, ou seja, a cada 1 real que a pessoa doasse, o BNDES entrava com 2 reais, o dobro da doação espontânea para a realização daquela fase do projeto. Eu apresentei o projeto inteiro, pois ao longo desse tempo, de 2018 até 2019, já tinha desenhado um programa por fases em que a gente identificava os elementos cerâmicos; realizaria o mapeamento de danos; a elaboração de um projeto básico de restauração; daí então partindo para o projeto executivo de restauração, aprovação no órgão de tutela do patrimônio cultural, no caso o IRPH; uma previsão de quanto seria o custo total do projeto. Então a gente apresentou a primeira fase, a identificação de cada azulejo da escadaria. Por isso que a gente chegou hoje ao total de 4.994 elementos cerâmicos. E foi uma grata surpresa! Quando iniciamos, quando eu cheguei na LiGuia vendo aquela organização como profissional guia, por que seria importante? Porque eu poderia tentar fazer como profissional

³ O Matchfunding BNDES+ foi um programa de financiamento a projetos culturais. O projeto adotou um modelo de financiamento combinado, unindo o aporte direto do BNDES ao financiamento coletivo (crowdfunding). A cada R\$ 1 doado, o BNDES aportou R\$ 2, observando o valor máximo de R\$ 200 mil para cada projeto. Foram apoiadas as ações que apresentassem um determinado índice mínimo de pulverização de recursos. A ideia, com isso, foi que seriam efetivamente realizados os projetos que contem com amplo engajamento do público. Visite a campanha: <https://benfeitoria.com/projeto/selaron>

do patrimônio, mas com o amálgama do segmento social dos guias de turismo, que se utiliza da escadaria como instrumento de trabalho e que está envolvido como agente importante e permanente para preservação daquele bem cultural.

Juntou o cenário perfeito para que a gente conseguisse botar como importante para preservação, tendo em vista que a administração pública municipal é omissa na sua conservação básica. E eu falo que ela é triplamente omissa. É omissa porque é um espaço urbano, uma via, então é obrigação constitucional da Prefeitura cuidar. É omissa porque é um bem tombado pelo município e o mesmo município não cuida do que considera como seu patrimônio cultural. E é um espaço turístico, um dos lugares mais visitados do Rio de Janeiro que não tem nenhuma mão do Estado, no caso mais gritante ainda do município, de ordenar e fiscalizar aquele espaço. Sabemos que tem algumas confusões ali, do ponto de vista da relação dos atores, que vamos falar daqui a um pouquinho. Assim, a gente, enquanto sociedade civil, tem uma missão tripla, nós, guias de turismo que usamos aquele espaço, pois hoje é um ponto obrigatório de visita, dos *sightseeings* (tours regulares), dos tours privados e do turista solto que vai lá visitar a escadaria. E, outro ponto, como ninguém mede nada no Rio de Janeiro, na verdade, não se tem uma contabilidade de quantos visitantes vão lá na Escadaria Selarón diariamente. Vou revelar para você em primeira mão ... durante o processo da campanha que durou 60 dias, durou outubro e novembro, de 2019, a gente lançou uma *fake news*: "Escadaria Selarón terceiro ponto mais visitado do Rio de Janeiro", essa foi uma criação nossa, assumimos. Por que isso? Porque dá ênfase, pegada de mídia, e quem prova para gente que não é? Pode ser o primeiro, pode ser o segundo, pode ser o terceiro, mas como ninguém conta nada, a gente lançou isso. É o terceiro ponto mais visitado. E saiu muitas [matérias](#).

Conseguimos arrecadar, e eu tenho muito orgulho, até hoje foi o projeto de todos os editais do BNDES com a maior quantidade de participantes doando: 449 no total de doadores. Nunca um projeto do BNDES teve tantos doadores individuais, como teve nessa primeira fase o Selarón Pedaço(s) do Mundo. A gente chegou a 111% de arrecadação. Só que o que acontece? Quando vamos começar, assina tudo, vem uma coisa chamada pandemia da Covid-19. Tivemos uma lacuna, mas a gente consegue executar a primeira fase com um delta x de tempo por causa da paralisação, na verdade, do mundo todo. Está lá o sítio eletrônico, foi o compromisso firmado em contrato, a gente tem um [aplicativo](#) de realidade aumentada, a gente tem o [site](#), o [repositório](#) e a gente tem a [rede social](#) do projeto. E agora queremos partir para outra fase, que é a restauração e a implementação de uma governança compartilhada, sendo os guias os atores

principais, mas junto com os comerciantes e moradores da região. Na época, em 2019, a gente não tinha CNPJ, a LiGuia ainda era uma ideia, ainda não era uma entidade formal, a gente utilizou o CNPJ do [Polo Novo Rio Antigo](#) em uma parceria profícua. O Polo Novo Rio Antigo, como associação dos comerciantes da área do centro do Rio de Janeiro, vê que a escadaria é importante, que atrai pessoas para os seus associados, em especial restaurantes da região. A escadaria transforma aquela área da Lapa, do ponto de vista de atração de pessoas, com o surgimento de bares e até de hotéis, *hostels* e tal, começa a se concentrar ali por causa da escadaria. O próprio Polo Novo Rio Antigo tinha uma logo que foi trocada para o mosaico de Selarón, dos azulejos monocromáticos, vermelho, verde, azul, amarelo e branco, fazendo Rio Antigo. Um projeto que muda a própria estrutura do Polo Novo Rio Antigo.



Figura 4

Logomarca como o mosaico de Selarón, dos azulejos monocromáticos, vermelho, verde, azul, amarelo e branco, fazendo Rio Antigo.

Fonte: Reprodução / Feira Rio Antigo, 2021.
[Clique aqui](#) e veja a postagem no Instagram (@feiradolavradio).

Ana Cunha: Muito bacana essa história. Eu sou muito fã desse projeto. Acho que tem vários pontos para destrinchar. Quero te perguntar quando a web3, a blockchain, chega no projeto? Tem alguma relação com a pandemia?

Andre Andion Angulo: Perfeito. É uma coisa que modifica a minha vida também. O que acontece? 2020, pandemia total. 2021, começa aquela pequena abertura, mas ainda todo mundo de máscara, essa coisa bem fechada e tal. Tem um outro guia, Daniel Brandão, que sempre foi muito ligado a tecnologia, banco de dados e tal, que fala o seguinte: "Andre vai ter um evento do [Ethereum](#)⁴, um encontro no Museu do Amanhã⁵". Pensei: "Opa, museu? O que é esse

⁴ Ethereum é uma rede de computadores em todo o mundo que seguem um conjunto de regras designado por protocolo em blockchain Ethereum. A rede Ethereum funciona como a base para comunidades, aplicações, organizações e ativos digitais que qualquer pessoa pode construir e utilizar. Link: <https://ethereum.org>

⁵ O evento é o Ethereum Rio, uma conferência para desenvolvedores, fintechs e empreendedores no Rio de Janeiro. Link: <https://www.ethereumbrasil.com/ethereumrio>

negócio de Ethereum?". E ele falou o seguinte: "Cara. Vamos participar desse evento ". Só que o evento era 890 dólares e eu falei: "Eu não tenho 890 dólares, cara". Ele começa a tentar me explicar e eu vejo que aquilo ali é interessante, apesar de eu ser completamente neófito. No site do evento encontramos um formulário: "Se você quiser tentar a isenção para participar do evento, preencha aqui", e preenchemos com a história do projeto, falando sobre o que já foi feito, sobre uma concertação de atores ... Daniel falou sobre a tokenização da escada, fazer um NFT para um leilão durante o evento. Eu falei: "Cara, você está maluco. Eu não sei nem o que é NFT, ainda mais um leilão. Como é que a gente faz isso?". Então ele me ensina a abrir uma carteira⁶ na [Coinbase](#). Ele joga 300 dólares nessa minha carteira, convertido em Ethereum e começamos a estudar. A organização do evento responde que a proposta é muito interessante e fomos selecionados a participar gratuitamente. Ao mesmo tempo, a Solange Gueiros, uma das organizadoras do evento, apresenta que queria um espaço para conversar com os museus comunitários, sobre a participação no Ethereum Rio e eu disse que poderia ser no museu (Museu da República). Assim, teve uma reunião para explicar como seria a seleção de pessoas para trabalhar no evento e veio uma galera, umas 15 pessoas. Duas continuaram e estão neste mundo até hoje, uma delas a Luisa Calixto. Fomos selecionados para o *Launchpad* (plataforma para investidores) momento de apresentação, *pitch*, de seu projeto para investidores. Para mim esses nomes todos, era uma coisa assim: "Cara, eu estou numa festa estranha com gente esquisita, mas eu estou gostando, sabe? "

Então a gente apresentou o projeto, a ideia, e na época, foi conversar com o pessoal do Mercado Bitcoin nos pós *Launchpad* no Ethereum Rio de 2021. Levamos um azulejo da campanha e começamos um grande papo sobre o Mercado Bitcoin patrocinar o projeto. E eu ainda estava entendendo o que era isso tudo. Teve o [NFT Rio](#) (2022) e quando chegou o contrato para a LiGuia assinar com o Mercado Bitcoin, a proposta era muito, muito draconiana, com exclusividade e tal. E eu não queria fazer exclusividade com ninguém, em um mundo que eu não sabia o que era direito. Tinha ao mesmo tempo o mercado Bitcoin, um unicórnio, uma corretora de criptoativos de valor de mercado de mais de 1 bilhão de dólares, mas tinham outras possibilidades possíveis: o Ethereum, o Instituto Ethereum, a [Harmony](#), dando 300 milhões de

⁶ Wallet, ou carteira digital, é a ferramenta que possibilita a gestão de nossas criptomoedas e demais ativos digitais. As criptomoedas não existem como moedas, mas como registros de transações contidas numa blockchain operada por nós interconectados ao redor do mundo. Uma das mais utilizadas é a MetaMask, lançada em 2016. A MetaMask está disponível na versão web, como extensão para navegadores, ou como aplicativo para celulares iOS e Android.

dólares em *Grants* no evento, era um *bull market*⁷ cripto naquele momento ... eu não vou assinar exclusividade ... a gente deu um passo para trás, senão estaríamos com mãos atadas por conta da exclusividade e tal. Eu, como neófito, falei: "Eu acho que o negócio está dando liga, porque as pessoas estão gostando, porque agora querem casar, com exclusividade". Então foi esse o momento, tiveram os *side events* (eventos paralelos) no Ethereum Rio, foi aquilo ali que me abriu a mente. Teve a programação normal, a gente apresentou ... e eu vou te falar, Ana, a cada vez que eu achava que eu estava entendendo, o mundo modificava todo. Então o tal do NFT, que era uma característica de NFT, aí ele mudava para outra que era melhor, mas super mais complexa a operação de mintagem⁸. Mas ao mesmo tempo tem a imprensa normal, burguesa e golpista, de vir toda semana satanizando esse meio da web3, de focar em pirâmides, *hacks* milionários, golpes.

Então, quando eu começo a conversar com as pessoas, eu vejo, na minha bolha do patrimônio ... que a gente tem as bolhas, minha bolha turismo, minha bolha patrimônio e eu tenho essa bolha da web3. Na bolha do patrimônio a galera ficava: "Não, esse negócio é pirâmide, isso aí é golpe". E isso foi ano passado já, 2023, teve uma das blockchains, a [Polygon](#) ... a gente começou a fazer eventos no museu, na verdade, não foi só da Polygon. Teve algumas edições do Rio Cripto Hub ... e eu falei: "A minha intenção é transformar o Museu da República no museu mais *cripto-friendly* do Rio de Janeiro". Mas a minha bolha de patrimônio não entende nada do que é isso e suas potencialidades. E principalmente a palavra cripto, que é um pedacinho, o cripto é um pedacinho da blockchain, desse admirável mundo novo da web3, é muito satanizado.

Ao mesmo tempo você tem a política pública do município chamada [Crypto Rio](#) (2022)⁹, que também é uma coisa muito interessante, mas que não houve adesão, não houve aderência nas outras secretarias. Eu fui conversar com o próprio IRPH, Instituto Rio Patrimônio

⁷ *Bull market* é um termo do mercado financeiro que define um período de alta prolongada de preços de um ou mais ativos. É caracterizado por um cenário de otimismo entre os investidores, que acreditam que o mercado está bem e que irá apresentar boas rentabilidades.

⁸ Mintar um NFT é o processo de criar e registrar um token não fungível (NFT) no blockchain.

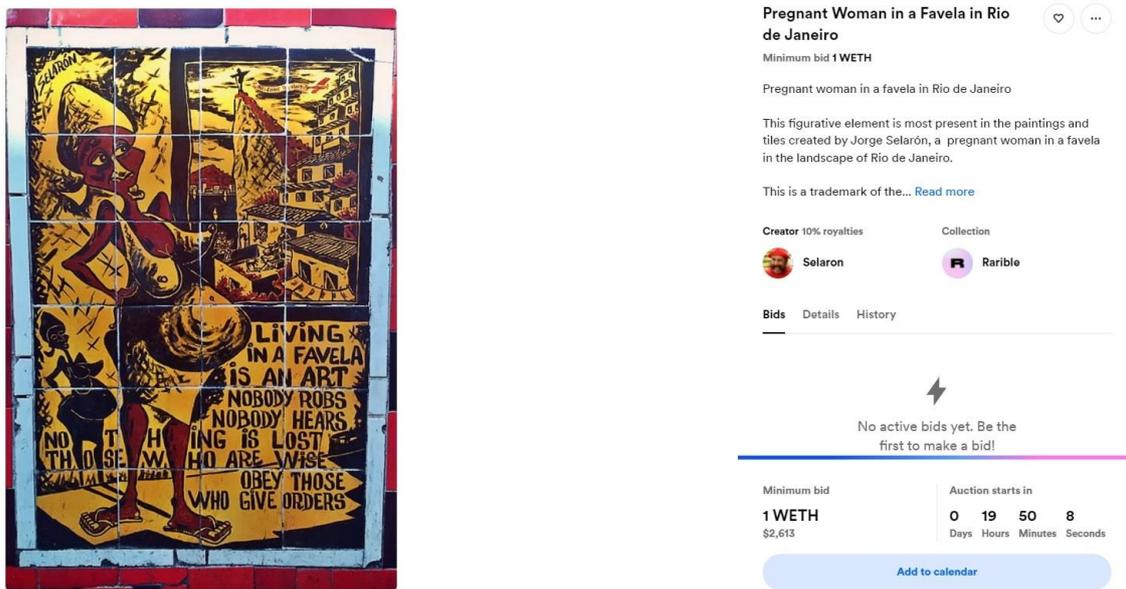
⁹ Em 2022, a Prefeitura do Rio deu o primeiro passo para virar um hub nacional no mercado de moedas digitais. Um decreto publicado em 14 de janeiro criou um Grupo de Trabalho para propor ações relacionadas ao desenvolvimento deste mercado com o objetivo de impulsionar a economia carioca no universo cripto. O Grupo de Trabalho, coordenado pela Secretaria Municipal de Fazenda e Planejamento em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação, vai estudar formas de estimular o uso das moedas por meio de descontos ao contribuinte, como no pagamento do IPTU, por exemplo. Fonte: <https://prefeitura.rio/fazenda/cidade-do-rio-se-organiza-para-entrar-no-universo-das-criptomoedas>

da Humanidade, que é o órgão de tutela do patrimônio dos tombamentos municipais, e tive o retorno que não sabiam se iam acatar a política cripto do município. Então, quer dizer, você via que a coisa não era bem desenhada de uma forma horizontal e capilarizada dentro da Prefeitura, quando tem o objetivo de transformar o Rio de Janeiro na capital tecnológica da América Latina.

Mas voltando, a gente fez o [leilão](#) durante o Ethereum Rio, na verdade, contra tudo e contra todos, não é? Pegamos um azulejo, um painel do Dia Internacional da Mulher Latino-Americana, e chegamos a vendê-lo por 1.04 Ether (em torno de 2.750 dólares em novembro/2024). Um dinheiro que a gente tem até hoje, uma parte desse dinheiro que ainda está na nossa carteira em Ether. Porque o valor subiu, na época era quase 3 mil dólares, desceu e agora está subindo de novo. Então essas variações¹⁰ assustam as pessoas, mas é a coisa que a gente acha que faz parte da brincadeira, entendeu?

Figura 5

Página do Leilão do mural: 'Pregnant Woman in a Favela in Rio de Janeiro'.



Fonte: Reprodução de Diário do Rio, 2022. [Clique aqui](#) para ver a notícia.

¹⁰ A volatilidade cripto refere-se às rápidas e significativas oscilações de preço das criptomoedas no mercado. Esse fenômeno é impulsionado por fatores como baixa liquidez, especulação, notícias e eventos regulatórios, além da ausência de mecanismos estabilizadores típicos de mercados tradicionais. A natureza descentralizada e a alta sensibilidade às expectativas de investidores amplificam essas variações. Apesar de atrair especuladores em busca de lucros rápidos, a volatilidade também gera incertezas que dificultam a adoção ampla das criptomoedas como meio de pagamento ou reserva de valor. Assim, a volatilidade é tanto um atrativo quanto um desafio para o ecossistema cripto.

Ana Cunha: Entendi. Eu queria aproveitar, que a gente está falando da web3. Você falou algumas vezes sobre uma questão da “concertação” das pessoas, poderia explicar essa ideia?

Andre Andion Angulo: Na verdade, a gente conseguir botar ... eu falo que é o paradigma da ágora grega, da democracia direta, mas hoje remasterizado pela blockchain e pelas DAOs¹¹ - pelas *Decentralized Autonomous Organizations*, (organizações autônomas descentralizadas, na tradução para o português). Que é conseguir fazer uma prova de consenso, por exemplo: "Isso aqui é interessante pra essa comunidade?". Primeiro fazer a criação dessa comunidade. Hoje, eu a vejo como os guias de turismo do Rio de Janeiro e os empresários que têm interesse que a escadaria esteja preservada e funcionando, porque cria uma circulação de pessoas. Uma economia circular. E a própria administração pública municipal, que não tem recursos, mas que lança uma política pública chamada Crypto Rio, que traz a questão da tokenização do patrimônio para preservar esse mesmo patrimônio cultural, apesar do órgão de tutela do patrimônio não ter ideia do que se trata quando fui a eles e nunca terem se debruçado sobre isso. As pastas de governo na Prefeitura não dialogam.

Logicamente, eu aqui estou meio Pollyanna, olha que bonito ... vamos juntar todos os atores, fazer uma DAO para organizar a escadaria Selarón. A ideia inclusive que o próprio Mercado Bitcoin coloca para a gente, que tem que conseguir a assinatura da prefeitura. Nem eu queria assinar, imagina a Prefeitura!!! De integrar uma chamada DAO, que seria como se fosse um conselho, se a gente puder fazer uma tradução de termo. Uma DAO não deixa de ser um conselho que você chega a um consenso para a utilização de um tesouro, de um recurso. Logicamente, que isso, na verdade, não se concretiza na figura da Prefeitura. A gente vai conversar, inclusive, com o BNDES, e o BNDES responde que é interessante, mas que não tem

¹¹ As Decentralized Autonomous Organizations (DAOs) são organizações digitais que operam de forma descentralizada, utilizando contratos inteligentes baseados em blockchain para regulamentar suas operações e governança. Esses contratos codificam regras e processos de tomada de decisão, permitindo que os membros participem diretamente sem necessidade de intermediários tradicionais. As DAOs promovem transparência, já que todas as transações e decisões são registradas publicamente na blockchain, e são geralmente utilizadas para gerenciar projetos, recursos ou iniciativas comunitárias. A participação geralmente é vinculada a tokens, que garantem direitos de voto e influência proporcional à sua posse. Assim, as DAOs representam um modelo inovador de organização colaborativa e descentralizada.

parâmetro legal para sentar-se em uma DAO. E o BNDES está certo. Apesar do BNDES ter um programa de blockchain, Rede Blockchain Brasil¹², RBB, dentro do BNDES.

Mas então, a aproximação com o BNDES sobre esse mundo da web3, e foi uma virada de chave que eu tive na época, sobre implementação dos *Endowments*¹³, dos fundos patrimoniais. Em um Rio Crypto Hub houve uma apresentação que era: enDAOment, no lugar de “dow”, o “d-a-o” de DAO. Caramba, tudo a ver, é isso, é sobre isso, a sacada! O BNDES fez uma modelagem, investiu para fazer para os museus, estou falando do órgão Ibram (Instituto Brasileiro de Museus) e museus¹⁴, só que a gente estava numa outra conjuntura de governo, na gestão passada, que instituiu os *endowments*, em janeiro de 2019. Os *endowments* foram criados por causa do incêndio do Museu Nacional. Isso era uma proposta muito desejável pela academia, pelas fundações universitárias e tal, da criação e da instituição dos *endowments*. A possibilidade de criar uma organização gestora de fundo patrimonial, que vai direcionar doações de propósitos específicos. É uma revolução. Um *endowment* vai permitir a imobilização de um capital e o rendimento se dará sobre aquele capital imobilizado, administrado por uma organização gestora de fundo patrimonial, que pela lei 13.800 tem que vir assinalada a sigla OGFP no título da entidade. Então, é meu sonho hoje. Se eu tiver 10 milhões de reais, eu tenho 1% de 10 milhões de reais ano, 100 mil reais/mês. Eu organizo a escadaria Selarón, não preciso nem de 10 milhões, eu preciso de 5 milhões imobilizados. Eu

¹² A Rede Blockchain Brasil (RBB) é uma rede de instituições que tem como objetivo facilitar a adoção da tecnologia blockchain para aplicações de interesse público. A RBB foi criada em 2022 pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e pelo Tribunal de Contas da União (TCU). Em agosto de 2024, o TCU anunciou que a RBB iniciou uma fase de testes com sua versão piloto. O BNDES revelou que a RBB pode ser aberta ao público em 2025. Mais informações: <https://portal.tcu.gov.br/imprensa/noticias/encontro-vai-abordar-aspectos-da-rede-blockchain-no-brasil.htm>

¹³ Ainda pouco comum no Brasil, o financiamento de instituições culturais por meio de *endowments* é amplamente difundido no exterior. Nos EUA, sustenta instituições como o Smithsonian e a Boston Symphony Orchestra, enquanto na Inglaterra e Itália parte dos recursos das loterias alimenta esses fundos. Beneficiados por incentivos fiscais, os *endowments* possuem recursos próprios geridos como fundos de investimento, cujos rendimentos garantem a manutenção das instituições e seus projetos. Essa estrutura assegura previsibilidade e estabilidade financeira, permitindo o foco na missão cultural. O BNDES propõe expandir essa discussão no Brasil, indo além da Lei Rouanet, para fomentar o desenvolvimento sustentável do setor cultural e atrair novos recursos não incentivados. Mais informações: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/onde-atuamos/cultura-e-economia-criativa/patrimonio-cultural-brasileiro/endowments>

¹⁴ O BNDES e IBRAM celebraram, em 2021, um Acordo de Cooperação Técnica, cujo objetivo consistia no planejamento, estruturação e execução de modelagem de fundo patrimonial, observados os requisitos e envolvendo todas as instituições previstas na Lei nº 13.800/19, no intuito de viabilizar a arrecadação e a gestão de recursos provenientes de pessoas físicas e jurídicas para aplicação em programas e projetos voltados às instituições museológicas e acervos de interesse público (doravante denominada “Modelagem de Fundo Patrimonial”). Mais informações: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/transparencia/desestatizacao/cadastro-consultores/rfi-n-9-2021-fundo-patrimonial-ibram>

tenho lá um pedreiro, um arquiteto sendo pago, um guia de turismo, um plantão de guia todo dia, eu pagando a tabela da LiGuia para ficar explicando a importância da escadaria. A escadaria não é sinalizada. Ninguém sabe que o Selarón é chileno, não tem informação na escadaria. Não dá para depender do recurso do Estado, do recurso público, a gente sabe que cada vez tem menos dinheiro. É aquela mágica, conseguir congrega os atores, essa concertação, quem está interessado, o que a galera do web3 chama de formar comunidade. É formar essa comunidade, mas com diferentes atores. O *Matchfunding* foi um ensaio em que a gente juntou 449 pessoas. Tem um porquê para que as pessoas se interessem, basta você ser claro, transparente. A web3 permite isso, essa prestação de contas online 24x7 pela internet.

Ana Cunha: E como é que você vê a possibilidade, por exemplo, na web3, de construir esse tesouro, digamos, esse capital? Como é que se enxerga isso?

Andre Andion Angulo: Então, eu já pensei várias fórmulas, e não tenho a solução ainda na minha cabeça. Mas, pegando o *Matchfunding* do BNDES, tem a questão da recompensa. A pessoa, na verdade, tem que se sentir recompensada. A recompensa, para mim, é uma recompensa imaterial. É ter o nome dela no site eletrônico, sair no catálogo virtual. Como se fosse um selo, um *stamp*, um certificado, um selinho no Instagram que ela participa daquele projeto. Algo que a identifique. Pode ter mil fórmulas, assim como a criação, nessa modelagem da tokenização da escadaria, a criação de criptoativos, por que não, que eles valorizar-se-ão na medida de um sucesso e divulgação. Tem algumas possibilidades, mas, às vezes, eu tenho um certo receio, de ficar inventando a história. Eu estava participando do Blockchain Rio desse ano e teve uma pessoa que falou assim: "Cara, o problema é que esse ano está assim, um monte de gente dando receita, mas que nunca fez o bolo". E eu tenho medo de ser essa pessoa. Eu não quero ser essa pessoa, de inventar coisa, pelo menos alguns bolos que eu já fiz, uns deram certo, outros solaram, mas a gente continua cozinhando, entendeu? Mas eu vejo que a tecnologia não deixa de ser tecnologia, a web3 é uma grande parte da tecnologia, que hoje permite, inclusive, a proteção dos seus dados, uma navegação anônima. O Vlad (Shape Shift), uma vez, falando numa palestra, comentou: "A DAO tem que ter mais um "A", é a *Decentralized Anonymous Autonomous Organization*. *Anonymous*, como a figura do anônimo, não é? Teve muitas dessas

coisas na doação, quando com a Benfeitoria¹⁵, no BNDES, as pessoas queriam doar, mas não queriam que seus nomes aparecessem: "Eu quero que a escadaria dê certo, mas eu não quero aparecer". E isso me surpreende, mas, ao mesmo tempo, eu entendo que a pessoa está acreditando no projeto e quer que a coisa dê certo, e não quer nem aparecer.

Ana Cunha: Entendi. Essa figura que você coloca do bolo é muito interessante, porque, sem dúvida, vocês estão fazendo, já entregaram muitos bolos. Não é só receita. E isso me faz lembrar que um dos produtos que vocês entregaram, foi o inventário? Com o Tainacan. Queria saber a tua visão de como a gente pode lidar com a questão do inventário, da tecnologia e da própria web3.

Andre Andion Angulo: Eu acho que a utilização do Tainacan¹⁶ com a web3 ... imagina se tivesse no banco de dados, que eu estou buscando fazer, que as pessoas conseguissem produzir depoimentos, em aberto ou anônimo. Que elas falassem a percepção delas da escadaria, histórias que elas tiveram com o Selarón, histórias daqueles azulejos. Que eu conseguisse criar de uma forma descentralizada, uma pesquisa de dados. Seria algo que muito se discute na área da cultura, museus e patrimônio, o inventário participativo. Só que hoje o inventário participativo fica de uma forma centralizada. O pesquisador, servidor público, que organiza e tal.

O meu sonho, vou dar um exemplo ... Marcelo Esteves, que é uma das pessoas que teve muita relação com o Selarón, que divide a curadoria comigo da exposição no Gabinete Selarón de Curiosidades¹⁷, ele conta histórias de alguns azulejos. Eu falo o seguinte: tenho que pegar essa informação e botar na ficha. Eu estou falando isso para mim há um tempão, mas eu ainda

¹⁵ A Benfeitoria é uma plataforma de mobilização de recursos para projetos de impacto cultural, social, econômico e ambiental. Foi parceira na proposta do BNDES. Mais informações: <https://parcerias.benfeitoria.com/canal/bndesmais>

¹⁶ O Tainacan é uma solução tecnológica para a criação de coleções digitais na Internet. Pensado para atender a realidade das instituições culturais, ele é um software gratuito, que permite a gestão e a publicação de acervos digitais de forma fácil e intuitiva. Pode ser utilizado para o desenvolvimento de repositórios e bibliotecas digitais, bem como ações de comunicação, exposições e de difusão de acervos digitais. Mais informações: <https://tainacan.org>

¹⁷ A exposição Gabinete Selarón de Curiosidades é uma iniciativa da Liga Independente dos Guias de Turismo do Rio de Janeiro (LiGuia RJ). Mais informações: <https://www.instagram.com/selaronpedacosdomundo>

não consegui criar ... seria uma fórmula ainda centralizada de imputar o dado, porque eu tenho medo de dar o login de Admin, pois pode estragar tudo, um dos problemas dos bancos de dados centralizados. Mas eu acho que a gente caminha para um momento em que a pessoa poderá escrever suas histórias e sim um grupo com status *adm* aprovar, como é a atualização de currículo na plataforma do lattes por exemplo. Uma história de origem de elemento cerâmico do Marcelo que é maravilhoso, a corujinha incrustada na escadaria. Com o inventário descobrimos que tem 107 elementos tridimensionais incrustados, não só azulejos. A corujinha foi em 2007, Jogos Pan-Americanos, quando iniciou a era dos megaeventos no Rio de Janeiro. A próxima cidade a sediar os Jogos Pan-Americanos seria Guadalajara, no México. E tem um lance diplomático, o César Maia, o prefeito da cidade do Rio, passa o bastão para o próximo prefeito da cidade que vai sediar os Jogos. Nesse mundo diplomático tem a coisa do presente. Então, o prefeito de Guadalajara traz uma coruja, símbolo de sua cidade e essa coruja quebra. Ele, no carro, indo para o hotel, falou: "Quebrou a coruja que eu ia dar para o prefeito, eu vou jogar fora porque eu não vou dar um presente quebrado". Então o taxista fala: "Não, não joga fora, porque eu vou dar para uma pessoa, ela vai saber como usar". E deu para quem? Para Jorge Selarón. E o Selarón incrustou a corujinha lá e fez um cantinho com mais outros três elementos cerâmicos do México. Então ele fez um cantinho do México. Botou o disco solar asteca, uma outra cruz mexicana e a corujinha de Guadalajara. Entendeu? Assim, essa história, só quem vai entender é a pessoa que é do México ou estudiosa da História e cultura mexicana. Qual é o meu sonho? O catálogo de Selarón Pedaço(s) do Mundo hoje tem cinquenta azulejos, que com a curadoria de Dora Alcântara, e que quando são escaneados na escadaria ou no próprio catálogo, saltam na tela do celular e contam as suas histórias via aplicativo. Eu quero fazer isso nos 4.994 elementos cerâmicos. Aí surge a história da corujinha. Essa história que era um presente do México. Tem a história da coruja, o porquê da coruja, deve ter sido um mito de criação da coruja, para ser o símbolo da cidade. Mas tem a história da coruja chegar ali, na escadaria. E eu acho que essas histórias têm que ser narradas. E para o grande público.

Ana Cunha: Incrível. Você contando as histórias me parece um bom gancho para a falar sobre a percepção da comunidade e esse engajamento dos turistas. Como você sente que os turistas ou a comunidade, eu acho que são duas coisas diferentes, como percebem o projeto no território?

Andre Andion Angulo: Quando a gente fala comunidade, a gente tem que fatiar, não é? Porque hoje, estamos tocando esse projeto através de uma associação de guias de turismo. Então, você tem uma percepção dos guias de turismo. E, assim, não precisamos aqui dourar pílula e tal. Hoje, temos 200 associados contribuindo mensalmente em dia. Mas a gente tem um número de 1.100 que, na época da pandemia, tentamos um auxílio emergencial, não conseguimos, mas aprovamos duas leis, etc. Então, entrou a galera com aquela expectativa, mas por não ter conseguido, saíram da LiGuia, ou estão inadimplentes e, por vezes, falando mal da gente, uma mistura de frustração com dor-de-cotovelo de alguns guias, alguns franco-atiradores, que nunca construíram nada mas adoram apontar o dedo. A mesma coisa acontece com Selarón Pedaço(s) do Mundo. Tem uma galera que acredita no projeto, é fã do projeto, é só botar no grupo ali: "Vamos fazer isso", a gente faz! Montamos a maior exposição sobre Selarón nesse ano de 2024 na Galeria Scenarium durante o Arte de Portas Abertas. Realizamos uma linda homenagem aos 10 anos sem Selarón, foi um evento belíssimo no dia 10 de janeiro de 2023. Mas tem a galera que fica do lado de fora só tacando pedra. E tacando pedra desde o início, o BNDES foi um: "Isso eles roubaram dinheiro, isso aí é lavagem de dinheiro". Com o NFT, a mesma coisa: "Isso aí é lavagem de dinheiro, isso aí estão roubando dinheiro". Tem a galera que fica sempre, e tem aquele ditado: "Só jogam pedras nas árvores que dão frutos". Então vamos tocando, os cães ladram, a caravana não para. Então, tem essa comunidade de guias, que tem essa diversidade, essa heterogeneidade. Assim como tem os comerciantes da região, todos estão muito próximos a nós. Agora, os ambulantes da escada, eles veem a gente como uma ameaça, eles acham que a gente vai chegar lá, ordenar a escadaria e expulsar eles todos. E eu sempre falo para eles que o meu barato é a escadaria, eu na verdade não quero que eles saiam. Agora entre eles mesmo têm uma briga, porque tem uns que são locais, então eles se acham os donos do território, e tem a galera que é meio que flutuante, os *hippies* que vão lá. Como a escadaria não tem muita ação do poder público, do ponto de vista de ordenar aquele espaço, aquilo ali virou uma zona urbana, de fato. Então, o meu sonho de uma noite de verão, que eu já consegui vocalizar para alguns atores, alguns vereadores ... a Câmara Municipal é duplamente responsável pela escadaria, por quê? Porque foi de iniciativa de uma vereadora, o tombamento provisório em 2005, pela Leila do Flamengo, que o então prefeito César Maia acata o projeto de lei e sanciona a lei. Assim como dez anos depois, em 2015, há um projeto de tombamento definitivo pelo vereador Jefferson Moura, que a Câmara aprova. Eduardo Paes veta por invasão de competência, e ele fez certo, na verdade, todas as ações do legislativo de ordenança de atos administrativos, elas são erradas, o parlamento não tem que se meter nos atos administrativos que são específicos do

Poder Executivo. Eu sou totalmente contra as declarações de patrimônio imaterial que a Alerj faz. Mas essa é uma opinião minha, tá? Agora, a Câmara derrubou o veto do Eduardo Paes em 2015 e sancionou o tombamento definitivo da escadaria. Então, a Câmara é duplamente responsável pela escadaria Selarón, ponto. Hoje, estou esperando todo mundo tomar posse, essa confusão de final de ano pós eleições municipais, para fazer audiências públicas em que a gente fale: "Prefeitura, o que você vai fazer? A gente tem uma proposta na mesa que a gente já fez. E o que a gente pode fazer em conjunto? Porque assim, se vocês não fizerem, deixa que a gente faz, a gente assume, a gente faz um plano de adoção dessa escadaria", que tem até uma política pública para isso. Mas algo diferente do ponto de vista de como hoje é o programa Adote Rio¹⁸. Eu não quero ter os ferros que vão me imobilizar como no programa Adote Rio, tendo em vista que a Prefeitura é inoperante e omissa em relação ao que ela deveria fazer. Eu tento captar os recursos para poder adotar essa escadaria, mas ela tem que ser restaurada, e essa restauração custa 1 milhão e meio de reais, só a restauração.

Mas voltando a essa questão da comunidade ... tem a comunidade de guias, a comunidade de comerciantes, a comunidade de ambulantes, e a comunidade moradora da escadaria. Quando a gente fez a campanha de arrecadação, me lembro que teve uma senhorinha que mora lá no alto, e falava o seguinte: "Eu tenho um problema sério de descer essa escada, tinha que ter um corrimão". Como é que eu posso pensar a acessibilidade motora na escadaria, que hoje é um paradigma, é uma discussão candente. Agora uma questão de observação participativa, não tem nada disso provado, mas quando a gente fez a campanha e fez plantão 60 dias na escadaria, todo dia lá, a gente ouvia de muitos moradores, alguns muxoxos: "Essa escadaria agora virou uma zona"... assim como alguns conseguem utilizar para a venda direta, souvenir, foto, caipirinha etc., também tem uma galera que odeia que aquilo ali aconteça, aquela dinâmica toda da escadaria na porta deles. A gente contabiliza a visitação de 12 mil pessoas diariamente, e que é grito, *hippies* tocando violão, confusão, briga, falar alto, e realmente é um lugar que as pessoas também moram ali. Então, a gente tem esses atores, guias, comerciantes, ambulantes, moradores, são segmentos sociais que um desconfia do outro, na verdade, tem essa relação. E como é que a gente organiza isso? Eu não sei, eu não tenho solução ... estávamos

¹⁸ O Adote.Rio - bens públicos de uso comum do povo é um programa que visa atrair a participação de empresas, associações de moradores e cidadãos para o processo de gestão ambiental da cidade, através de adoção de áreas públicas como praças, jardins e canteiros. Dessa forma, o programa busca estimular a apropriação dos espaços públicos pelos cidadãos e promover melhores dinâmicas de uso destes importantes espaços do Rio de Janeiro. Mais informações: <https://adote.rio>

conversando com o cônsul do Chile que a escadaria tem 165 países representados. E o cônsul comentou que tem mais países na Escadaria Selarón do que embaixadas do Chile no mundo. A escadaria Selarón, que foi criada por um chileno, é uma mini ONU, então isso é uma doideira, se você pensar. O quão potente é a escadaria, do ponto de vista de que é um espaço de paz e de irmanação entre os povos. Então, ali seria um exemplo de tolerância religiosa e cultural, mas no coração do centro do Rio de Janeiro, a Lapa, que é uma zona total. Então, para mim, uma das ações que poderia ser interessante, mas também não estou falando se vai dar certo ou errado, seria o fechamento da rua para pedestre. Porque hoje vem Van, para carro e buzina, e aí incomoda. Uma buzina, eu, com meu TDAH... uma buzina na Praia do Flamengo já me incomoda aqui no museu. Na escadaria tem gente que mete a buzina, porque tem gente que para, fica esperando. Vários lugares do mundo que fecham para trânsito, vira uma maravilha. Paraty é um exemplo. Eu vejo assim e falei para o Aloysio Freitas, o primeiro diretor da mesa da Câmara dos vereadores: "Vereador, a Câmara é duplamente responsável pela escadaria, e mais, você que está na mesa diretora. Em qualquer lugar do mundo, um lugar com aquela visita ia ser a menina dos olhos. De qualquer ação do poder público, ainda mais o poder público local". E tem um estacionamento, tem um vazio urbano na frente, que a gente poderia criar um centro de interpretação da escadaria, poderia ter lugar para a manobra de carro, para câmbio, banheiro limpo, souvenir, para os ambulantes, uma estátua do Selarón para tirar foto. Como tem a Mafalda na Feira de San Telmo, na Argentina. Acessibilidade para pessoa que tem cadeira de rodas, de poder botar o binóculo, uma luneta, e olhar com precisão. A escadaria é um lugar muito visitado, todo mundo quer ir, a visita é 24 horas, é aberto, e a gente não tem nenhuma mão do poder público ali, que eu acho impressionante.

Ana Cunha: Estamos nos encaminhando para o fim da entrevista, mas tem dois assuntos que me parecem importantes de conversar nesse primeiro momento. Um é o encontro do físico e do digital, pegando tanto a realidade aumentada com as histórias que já existem, ou seja, ter um azulejo e pelo aplicativo saber a história daquele azulejo, mas também sobre as possibilidades de metaverso.

Andre Andion Angulo: Sim. Outra coisa que eu vou te falar, também sou neófito nesse mundo do metaverso. Agora que eu estou começando a entender, pelos parceiros que chegaram, o [Código Brazuca](#), na figura do Antônio Marcelo e da Priscila Baeta. De terem criado dois

metaversinhos ... ela fala que são dois metaversinhos da escadaria. No [Gather](#), que você conhece, e no [Spatial](#). Na verdade, o espaço no Spatial, serve como um relatório, um inventário do que a gente já fez. Agora estamos pleiteando aumentar e indicar a exposição Gabinete Sellarón de Curiosidades com um gêmeo digital. A gente faz uma exposição linda e fala: "Nossa, a exposição vai acabar?". Sabe? E só tem um catálogo, um catálogo de papel. A possibilidade da tecnologia é a gente conseguir preservar isso para todo sempre e continuar tendo visitas. É como um sonho. Primeiro fazer a exposição dos quadros, porque ficar manejando 300 quadros de um lado para o outro não dá pra fazer eternamente. Pelo menos a escadaria está parada lá, apesar de ela estar sendo malcuidada. São quase 5 mil elementos cerâmicos que tem que ficar conservando, e ninguém conserva, mas ela está lá já há bastante tempo. Mas, hoje, através do metaverso, o turista poderia ter uma qualidade de informação e de visita, inclusive na língua dele. Que conseguisse programar a visita, para não ficar aquele "bololô" de gente, perdido no rolê. E tem a discussão com os guias: "Você está botando muito, a pessoa vai deixar de contratar um guia". E eu falo: "Bicho, não vai, não vai". Quanto mais informação, para mim será o contrário. Ela vai ter o interesse de ir, vai se sentir segura indo com guia, e você ainda tem mais serviços desenvolvidos a partir da escada.

O meu pensamento, tudo bem ... é otimista, mas tem essa coisa da categoria, que eu costumo brincar, que o guia tem que perder o padrão de taxista. O taxista com a dinâmica do Uber. Que realmente foi um impacto, mas o taxista não evoluiu, estava pendurado numa concessão do Estado, que ele achava que tinha exclusividade, veio uma coisa lá do Vale do Silício, a web2, que quebrou ele. E a web3 será ainda mais revolucionária ... eu costumo brincar que a diferença da web1, web2 e web3, no veículo de transporte, é assim: a web1 era você fazer assim (levanta o braço e aponta o dedo) para pegar um táxi, não é? Então você não interagia. Na web2 é o Uber, você pede, como se fosse hoje as redes sociais, o Instagram etc. e tal. Mas a Uber, 99 tá comercializando os seus dados e a web3 vai ser, enquanto associação de um território, conseguir demonstrar tudo, mas a pessoa ter a qualidade de interação, se ela quiser e a proteção de seus dados. A gente não ter, como hoje nos aplicativos e as grandes empresas, como o Google, os dados e os interesses para ficar vendendo histórias.

Assim, a gente vai ter essa evolução, acho ainda, na tecnologia. É lógico que é uma dança dos tangarás, um passo à frente, um passo atrás. Mas eu vejo que o metaverso, a possibilidade de tecnologia pode melhorar a qualidade da visita das pessoas, inclusive otimizar o tempo da pessoa no Rio de Janeiro. Porque às vezes, a própria escadaria se torna uma coisa

complicada, como exemplo dividir o fluxo. A pessoa poderá saber o seguinte: "Aqui eu vou ter mais tranquilidade nessa hora, essa hora é muita gente, essa hora é a visita dos passeios". A gente conseguir ter uma base, alimentar uma base de dados pelo projeto, que faça com que a experiência seja mais interessante para a pessoa.

Ana Cunha: Um último assunto que eu não queria deixar que a gente falasse, diz respeito ao que vocês estão pensando como curadoria colaborativa e a exposição Gabinete Selarón de Curiosidades. Por exemplo, no Museu XYZ, trabalhamos com a ideia de curadoria descentralizada. E, para finalizar, quais são os próximos passos?

Andre Andion Angulo: Foi uma ideia que surgiu do Marcelo Esteves, que eu achei muito potente, e deu certo. Deu certo na medida do possível também. O Marcelo é um colecionador, foi amigo do Selarón. Tem quadros que o Selarón deu para ele, tem quadros que ele comprou. Ele ficou meio como o fiel depositário quando o Selarón morreu. Então estava lá, num quartinho de empregada, mofando ... quando a gente teve a oportunidade ... vai reabrir galeria (Galeria Scenarium), a LiGuia surgiu e tal, e a gente decidiu: "vamos fazer o negócio!"

Para mim, o conceito de gabinete de curiosidade, é um conceito que é muito coringa ... eu sou geminiano, né? Então é assim, eu faço a exposição, mas às vezes chega alguém: "Eu tenho um quadro...", e como é que eu justifico a entrada do quadro? Então o Marcelo deu uma ideia, vamos fazer uma parede: "Você tem quadro do Selarón? Manda para a gente, que a gente analisa e a gente bota". Já aconteceu com sete pessoas, de levar. Assim, toda semana tem um quadro novo na exposição, a gente fez esse planejamento. Já teve gente que levou dois quadros, teve gente que levou um quadro, teve gente que levou 11 quadros. Veio um colecionador de São Paulo, deve ter gastado, sem brincadeira, só nessa operação, mais de 3 mil reais, só para trazer os quadros. Parte dos quadros estava na casa em Saquarema, então a irmã, o carro, paga gasolina, pedágio, só que o garoto era assim, é um aficionado. Teve um amigo dele, que passou na exposição e viu lá a brincadeira da palavra que a gente inventou, a gente inventou Selarón *Hunters*, então o projeto é assim, Caçadores de Selarón.

A ideia inicial foi, vamos fazer saindo da exposição (a Galeria Scenarium fica na rua do Lavradio. 15), a gente vai para a escadaria, e vai à Lapa, onde tem quadro do Selarón, no Bar Brasil, no Bar Ernesto, etc., e a gente trouxe parte dos quadros desses bares para a exposição, pois eu quero fazer um *pub crawl*. A ideia era *pub crawl* Selarón *Hunters*. *Pub crawl* é você

chegar no bar, para comer uma paradinha e tal. Então a gente quer fazer isso, quais foram os pratos que o Selarón gostava, o que ele bebia, e a pessoa tem uma experiência, sabe essa coisa assim bem cult bacaninha ... foi a ideia que surgiu. Só que juntou a história do quadro, do colecionador, porque como o Selarón mesmo dizia, e a gente vê na montagem dessa exposição, o Selarón tinha uma organização para documentar a produção dele. Todo quadro tem um número que ele atribuía, e ele mesmo em entrevistas fala: "Eu pintei 30 mil quadros". Então, tem 30 mil. A gente está com 300 quadros, com 1% da produção do Selarón, então tem 99% da produção de Jorge Selarón ... imagina! Tem ainda uns 27 mil quadros, 10% se perderam, no mundo, no mundo. Então é aquele tesão assim, vamos fazer um catálogo *raisonné* do Selarón. Um projeto de vida inteira, aqueles projetos de vida inteira. Só que nessa ideia do: "Você tem quadro, manda para a gente", era uma parede que só tinha três quadros, a parede está tomada. Aí é o conceito de gabinete de curiosidades que permite isso, eu tomo a parede toda. Agora estou abrindo uma outra parede, para mais gente que está mandando coisas. Então querendo ou não, isso não deixa de ser uma curadoria participativa na exposição.

Mas o que eu queria fazer, voltando a ideia de ter uma base de dados, de ter essa coisa da pessoa jogar o depoimento sobre um azulejo, nesse metaverso do Spatial ... a gente tem uma guia associada à LiGuia que contribui, para mim uma das melhores guias do Rio de Janeiro, a Mônica Bertazzolo. Ela leva os grupos na escadaria, pega um elemento e conta a história daquele elemento. Por exemplo, tinha uma mulher de três seios, uma *pupazza*, um elemento cerâmico incrustado na bandeira do Brasil no topo da escadaria. Qual é a história do terceiro seio? Tem uma área de produção de vinho na Itália, Frascati, as mulheres embebiavam um pano com vinho, e davam para o bebê tomar o vinho, chapar e parar de chorar. Ela escreveu um texto sobre isso, eu tirei a foto do levantamento do BNDES, para botar no metaverso, essa historinha contada em português, inglês e italiano. Italiano por quê? Porque ela escreveu em italiano também. Essa curadoria participativa, ela fez isso com outros seis azulejos, então eu tenho sete azulejos que ela escreveu a história. Assim, eu tenho que conversar com o consulado da Itália, porque tem um pedaço da Itália aqui no Rio de Janeiro. Me permite também campanha de marketing, de patrocínio, com informação, informação é riqueza! Além de gerar uma quantidade de informações, que faça com que as pessoas que não tinham nem ideia que aquilo existia, possam conhecer. E de uma maneira descentralizada. Ao invés da Mônica me enviar o texto, ela poderia escrever direto na base de dados, numa grande plataforma. Esse é o meu sonho. É uma curadoria, é participativa e é descentralizada, com os elementos da escadaria.

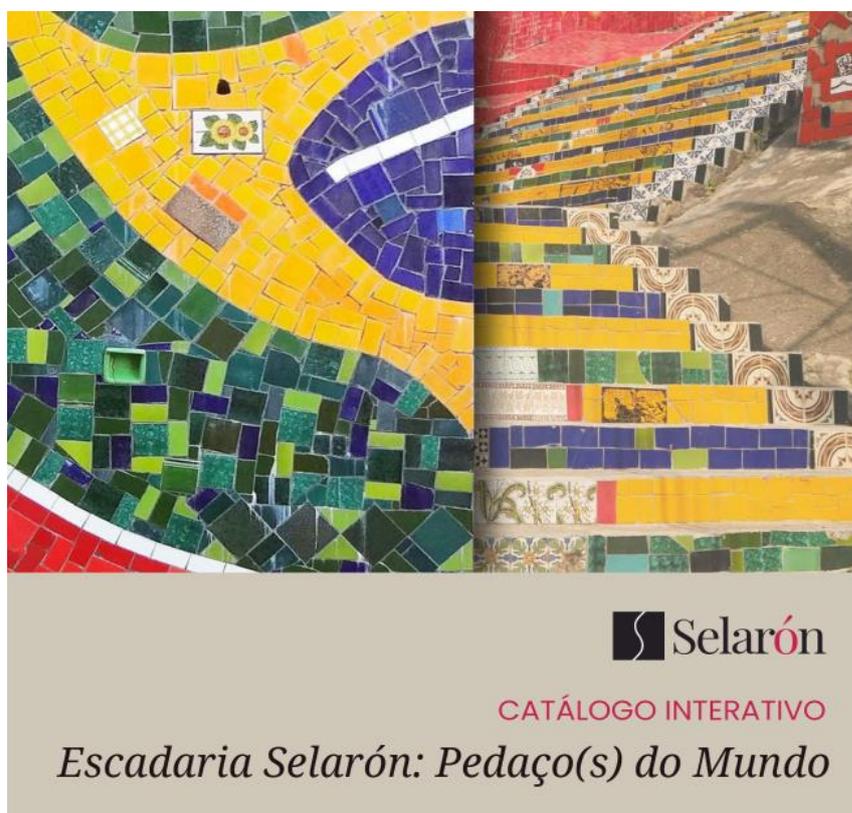
Com os quadros, estamos recortando quem tem quadro do Selarón e quem quer expor. O está acontecendo também, tem um segurança lá, que é muito engraçado, o Joel, segurança da Galeria Scenarium, fala: "Veio uma pessoa aí que quer comprar quadro". Eu falei: "Joel, eu não estou vendendo quadro". Mas a pessoa quer comprar, ela tem quadros. A exposição está permitindo que eu chegue a colecionadores que não querem botar o quadro lá. E se eu conseguir, pelo menos, documentar aquele quadro, já vai para o catálogo *raisonné*. Foi algo que deu uma virada de chave também nessa questão de participação e descentralização.

Ana Cunha: Está ótimo, Andre. É muita coisa, não é? Muito obrigada!

Andre Andion Angulo: É muita coisa. E tem o real, o possível e o imaginário, o onírico, não é? Se a gente não tiver o onírico, a gente não faz as coisas. A gavetinha dos sonhos, entendeu?

Figura 6

Catálogo Interativo do Projeto Escadaria Selarón - Pedaço(s) do Mundo.



Fonte: Reprodução / Baukunst, 2021.

[Clique aqui](#) ou utilize o QR Code ao lado da figura.